

## Imagens da duplicidade em *Esau e Jacob* de Machado de Assis

Carla Neves

O capítulo CXI de *Esau e Jacob* retoma o dito popular “quando um não quer, dous não brigam”<sup>1</sup>, em torno do qual se debruça o narrador. No caso dos gémeos, nenhum desejava verdadeiramente fazer um esforço para se entenderem, embora lhes parecesse ouvir uma voz de fora, do alto, que lhes pedia constantemente a paz. Seria caso para dizer: “se nenhum quer, nenhum briga”<sup>2</sup>. Conforme os actos do governo eram aprovados e desaprovados, a diferente carreira dos gémeos provocava uma cada vez maior separação, embora a residência comum os trouxesse unidos. Na véspera do dia em que se completava o primeiro mês da morte de Flora, ambos tiveram a mesma ideia, mas não a comunicaram ao outro. Pedro saiu de casa para ver um doente antes das sete horas, enquanto Paulo saiu logo depois sem qualquer pretexto. Ambos foram ao cemitério e levaram uma grinalda - o narrador quer afastar a simetria na acção e no acaso - uma era de miosótis, a outra de perpétuas (atente-se no significado do amor eterno). Quando Paulo chegou, viu o irmão e teve a sensação de pessoa roubada, já que pensava ser o único e ser o último. Pedro saiu e Paulo foi pôr a sua coroa aos pés<sup>3</sup> da defunta para não a irmanar com a outra, que estava do lado da cabeça<sup>4</sup>. Pedro viu Paulo, mas teve consciência de que fora o primeiro a evocar a sombra<sup>5</sup> de Flora, a falar-lhe, a

ouvi-la, a gemer com ela a separação eterna. Viera adiante do outro. Lembrara-se dela mais cedo. Pedro, no entanto, achou-se roubado porque Paulo estivera mais tempo no túmulo - queria sair para confrontá-lo, mas uma força não lhe consentia levantar os pés, nem tirar os olhos do gémeo. Pedro ainda considerou tornar à sepultura para emendar o tempo gasto; no entanto, desprezou a ideia e saiu sem achar sombra de Paulo<sup>6</sup>. Não era, pois, necessário, como nos é dito no capítulo CXIII (*Uma Beatriz para Dous*), Flora voltar para ser madrinha de um duelo que deixara a meio. Foi na sepultura que juraram paz e será aqui que começarão, também, as hostilidades. Meses depois ambos trabalhavam, Pedro abria consultório médico e Paulo banca de advogado. Cada um trabalhava com um colega de nomeada e prático. O acordo deixou de vigorar, mal se podiam ver, mal ou pior ouvir. A profissão apenas serviu para dividir, ainda mais, as relações de ambos. Paralelamente, ocorrem as trocas de inclinação política: Paulo entra a fazer oposição ao Governo, já que não era a República dos seus sonhos, e Pedro modera o tom e o sentido e acaba por aceitar o regime republicano. A discórdia não morria com eles, apenas trocavam de armas para continuarem o mesmo duelo. Em consequência destes actos, Aires chama a atenção de Natividade para o facto de

<sup>1</sup> Machado de Assis, *Esau e Jacob, Obra Completa*, vol. I, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1997, p. 1082

<sup>2</sup> *Idem*, p. 1083.

<sup>3</sup> Os pés representam o número dois por excelência, a busca, a procura, os passos, o sentido da realidade e a terra. Flora buscou incessantemente o impossível e, perante a incapacidade de resolução do seu conflito, abandona a vida. Os pés são o início do corpo, sendo a cabeça o fim, mas um elemento nada pode sem o outro.

<sup>4</sup> A cabeça é o ardor do princípio activo, a autoridade de governar, de ordenar e de esclarecer. É um microcosmos, um universo, convergindo para o simbolismo do uno, da perfeição, do sol e da divindade.

<sup>5</sup> A sombra revela ser o equivalente do reflexo ou do duplo, ao mesmo tempo que denuncia as tendências ocultas do sujeito.

<sup>6</sup> A cena que acaba de ser descrita representa, de forma paradigmática, o desdobramento do duplo, visto que um dos gémeos age e o outro observa, havendo, posteriormente, uma troca de posições, como se o Eu observasse, à distância, as acções do Outro que não são mais do que as suas próprias acções.

a cor do céu ser a mesma, antes e depois da chuva, aludindo àquela que será a sua reflexão final sobre a questão da rivalidade dos gémeos. Estes acabam por ser eleitos deputados. Natividade e Perpétua assistem à sua tomada de posse, já que um ou outro lhes arranjara uma tribuna. Aires, regressado da Europa, onde havia passado onze meses, também se encontra presente. Os gémeos haviam sido eleitos por partidos opostos. Embora ambos apoiassem a República, Paulo queria mais do que ela era e Pedro achava que já era bastante e sobeja. Os gémeos não se amavam, amavam-se em Natividade. O próprio Aires sente-se duplicado perto deles. Ambos queriam a Presidência da República, era o seu sonho imperial, restava saber o que faria um se o outro atingisse esse objectivo primeiro. Para Aires não haveria outra solução a não ser uma tentativa de derrube, considerando, ainda, que Flora e a política apenas seriam meros incidentes, nunca constituiriam o verdadeiro factor de desunião. Natividade sentia que seus filhos gostavam verdadeiramente da rapariga, enquanto Aires achava que também esta correspondia a esse amor, apenas não os conseguia unificar como os via em si, daí que tivesse preferido desistir... A mãe pensava ver os gémeos a entrar juntos na cerimónia e a afirmar, também juntos, o compromisso regimental. Viriam, então, como os trouxera no ventre e na vida. Apesar disso, contentou-se em vê-los separados, embora a semelhança dos dois fosse curiosa e comovente para essa mãe. No fim, ambos a beijaram com ternura, não se sabe qual primeiro, se até ao mesmo tempo.

Nesse mesmo dia, conforme nos é relatado no capítulo CXVIII (*Cousas Passadas, Cousas Futuras*) Natividade passa na Igreja de S. José e no Morro do Castelo, lembrando, então, a primeira cena do romance (a Cabocla e as "cousas passadas") contrapondo ao futuro, ao facto de os seus filhos serem já grandes homens, e de ainda poderem vir a ser maiores, apesar da Presidência só poder pertencer a um deles. Ocorre uma elipse temporal no romance e deparamo-nos, no capítulo CXX, com a morte de Natividade, já

bastante idosa. Os gémeos tomam parte numa conversa secreta com a mãe, no seu leito de morte, na qual lhes terá sido pedido que se tornassem amigos, que jamais fossem ingratos e que a amizade não se quebrasse nunca. Ambos prometeram o que era devido e pediram à mãe que não os abandonasse. Um deputado pôs-lhes os nomes de Castor e Pólux<sup>4</sup> quando tornaram à Câmara, depois da missa de sétimo dia da mãe. Andavam, então, sempre juntos. Pedro afirma que a mãe lhes havia pedido concórdia pessoal, no entanto, no debate e no voto poderiam e deveriam dissentir. Mesmo os contrastes pessoais, por vezes, despontavam. A Câmara terminou os trabalhos em Dezembro e, quando tornou em Maio seguinte, só Pedro apareceu, já que Paulo havia ido a Minas "uns diziam que a ver noiva, outros que a catar diamantes, mas parece que foi só a passeio" (note-se, uma vez mais, a referência irónica do narrador). Ao contrário do ano anterior, Paulo regressou mais tarde e já não entraram juntos. Rapidamente os amigos viram que eles não viviam bem e que se detestavam. Os gémeos pediram até dispensa de uma comissão, o mesmo será dizer que voltaram totalmente outros. Aires soube da mudança e, perpassando toda a história dos irmãos pela sua memória, conclui que eles não haviam mudado, que apenas continuavam a ser os mesmos. Contrapondo a opinião de que a herança os teria modificado, Aires sempre soubera que, desde o útero, os gémeos eram os mesmos, completamente contraditórios, ou seja, os mesmos à procura de serem outros. Será, pois, fundamental, verificarmos agora por que ordem de palavras passa a ideia de duplicidade. A primeira referência que nos surge engloba o numeral cardinal *dois* (nas versões *dous* ou *duas*) muito repetido ao longo de todo o romance (cerca de 257 vezes), nomeadamente até na sua variante de numeral cardinal ordinal, *segundo*. Este vocábulo surge metamorfoseado noutros de índole semelhante como sejam os casos dos substantivos masculinos *casal* (7 ocorrências), *irmãos* (5), *par* (3), *dobro* (3) ou ainda dos adjectivos *mesmo* (5), *dobrado* (3), *duplo* (2), *semelhante* (2), *duplicado* (2), *oposto*, *igual*, *médio* e *idêntico*. As constantes divergências dos

<sup>4</sup> Castor e Pólux, filhos de Zeus e Leda, e irmãos de Helena e Clitemnestra, ficaram conhecidos pelo nome de Dioscurós. Segundo uma tradição, só Pólux era imortal, o que o levou, em sinal de amor fraterno, a partilhar a imortalidade com Castor, vivendo alternadamente no Hades e no Olimpo. Longe de rivalizarem entre si, como outros gémeos, os Dioscurós amavam-se cordialmente e aparecem sempre juntos nas diferentes façanhas que a tradição lhes atribui.

<sup>5</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p. 1092.

os protagonistas do romance levam-nos a considerar como fundamentais para o distanciamento na própria matéria narrativa os vocábulos constitutivos das dicotomias *um/outra* (com 105 ocorrências) e *outro/outra* (com 105 ocorrências) e *outro/mesmo* e vocábulos como *ambos* (ou *ambas* - determinantes e/ou pronomes indefinidos) e *gêmeos*, com 86 e 71 ocorrências respectivamente; as conjunções coordenativas disjuntivas *ou* (1) e *outra* (3) e ainda formas verbais *entrar/sair*; *descer/subir*; *dar/tirar*; *dobrar*; *redobrar*; *tresdobrar*; *desdobrar*; *desdobrado* e *desdobrando*; preposições (*entre*) e advérbios (*também*) analogicamente relacionados com o tema em estudo. Além disso, e como afirma Wolfgang Kayser, “os plurais (...) obrigam a considerar os processos como fenômenos de ser múltiplo”<sup>9</sup>, estando este romance, como já se verificou, repleto destes fenômenos. Será lícito, então, concluir que a ideia de duplicidade passa no texto, e antes de mais, por um léxico variado que engloba diversas categorias morfológicas, bem como por palavras pertencentes à mesma área vocabular de *dois* ou *duplo*, como serão os casos de *duo*, *dualidade*, *ambivalência* (presente nas atitudes dos dois irmãos), *duplamente*, *simetria*, *paradoxo* (os sentimentos aparentemente contraditórios que os protagonistas patenteiam) ou *dicotomia*. Como se poderá facilmente verificar é dada uma maior relevância a vocábulos relacionados com a separação e com a conflitualidade que afecta os gêmeos Pedro e Paulo, ao mesmo tempo que apenas ocasionalmente surgem referências à sua união enquanto irmãos, enquanto casal gemelar.

<sup>9</sup> Wolfgang Kayser. *Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)*, vol. II, Coimbra, Arménio Amado Editor, 1970, p. 181.

<sup>10</sup> cf. Alexandre Eulálio, “O *Esau e Jacó* na Obra de Machado de Assis: As Personagens e o Autor Diante do Espelho”, *Escritos*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1992, p. 351.

<sup>11</sup> Affonso Romano de Sant’Anna, “*Esau e Jacó*”, *Análise Estrutural de Romances Brasileiros*, Petrópolis, Editora Vozes, 1973, p. 123.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> Wayne C. Booth, *Poétique du Récit*, Paris, Éditions du Seuil, 1977, p. 95.

<sup>14</sup> Affonso Romano de Sant’Anna, *op. cit.*, p. 123.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> Wolfgang Kayser. *Análise e Interpretação da Obra Literária (Introdução à Ciência da Literatura)*, vol. I, Coimbra, Arménio Amado Editor, 1970, p. 331.

<sup>17</sup> Affonso Romano de Sant’Anna, *op. cit.*, p. 123.

<sup>18</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p. 966.

permitted: “proceeder a um distanciamento na própria matéria narrativa”<sup>12</sup>. Segundo a opinião de Wayne C. Booth, “dans certaines oeuvres, le narrateur devient un personnage central, doté d’une grande énergie physique, mentale et morale”<sup>13</sup>. (Tristram Shandy, A la recherche du temps perdu; Dr. Faustus). Dans des oeuvres de ce genre, le narrateur est généralement différent de l’auteur implicite qui le crée; nous construisons d’ailleurs en partie la personnalité de l’auteur, en nous appuyant sur ce en quoi le narrateur se différencie de lui”<sup>13</sup>. Affonso Romano de Sant’Anna fala de dois planos narrativos: o da escrita fingida e o da escrita real<sup>14</sup>. Na escrita fingida do Conselheiro Aires surge a história dos gêmeos e todos os elementos daí decorrentes, como sejam os casos das suas relações de amizade, relações profissionais ou até as suas inclinações políticas. Na escrita real, a de Machado de Assis, “articula-se a montagem da estória, as anotações críticas sobre o imaginado texto de Aires, e o aprofundamento de algumas observações e até discordâncias em relação ao manuscrito”<sup>15</sup>. Além disso, este “narrador, em todo o caso, gosta de se distanciar, às vezes, da narração dos factos e de se dedicar a reflexões”<sup>16</sup>. Como salientou o estudioso brasileiro citado anteriormente, Aires poderá ser o enunciado e Machado a enunciação, pelo que “a duplicidade entre esses pares de elementos é de aspecto complementar”<sup>17</sup>. Estes elementos são opostos e têm características ambíguas e bivalentes, formando, no entanto, um composto, uma vez que não se pode prescindir de nenhum deles, sob pena de retirar riqueza e profundidade à obra. Há, por isso, uma integração dos segmentos que acabam por se completar constituindo um sistema de interrelações. É no âmbito da enunciação, na narração de Machado, que surge o jogo de escrita do romance, como nos é referido no capítulo XIII: “Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos”<sup>18</sup>. Inseridos nestes planos narrativos principais, encontramos alguns encaixes - pequenos episódios,

anedotas e parábolas que reproduzem os planos narrativos a que já aludimos. Tais são os casos da historieta dos capuchinhos (capítulo XXIII) e da contraposição entre branco e preto (capítulo XXIII). Podemos referir, ainda, a título de exemplo, a *Parábola da Asna* de Jean Buridan (capítulo LIX), que serve para retratar Flora, e a teoria das vogais protagonizada pelo espírito Plácido (capítulo LXXXI). Segundo este, haveria uma correspondência exacta entre as vogais e os sentidos, aspecto em que poderemos denotar uma clara alusão aos poemas *Correspondances* de Charles Baudelaire e *Voyelles* de Arthur Rimbaud, autores fundamentais da literatura do século XIX e, de forma mais particular, do simbolismo francês: “Já então os adversários de Plácido, — que os tinha na própria seita, — afirmavam haver ele aberrado da doutrina, e, por natural efeito, enlouquecido. Santos nunca se deixou ir com esses divergentes da casa comum, que acabaram formando outra igreja em outro bairro, onde pregavam que a correspondência exata não era entre as vogais e os sentidos, mas entre os sentidos e as vogais. Esta outra fórmula, parecendo mais clara, fez com que muitos discípulos da primeira hora acompanhassem os da última, e proclamem agora, como conclusão final, que o homem é um alfabeto de sensações. Venceram estes, ficando mui poucos fiéis à doutrina do velho Plácido. Evocado algum tempo depois de morto, confessou ele ainda uma vez a sua fórmula, como a única das únicas, e excomungou a quantos pregassem o contrário. Aliás, os dissidentes já o haviam excomungado também, declarando abominável a sua memória, com aquele ódio rijo, que fortalece alguma vez o homem contra a frouxidão da piedade”<sup>19</sup>.

Quanto a outro dos casos anteriormente referidos, o narrador estabelece uma comparação entre a *Parábola da Asna* de Buridan, na qual se retrata a indecisão de uma asna faminta perante dois potes de aveia, pelo facto de não ser dotada de livre arbítrio, e a indecisão de Flora perante o amor dos gêmeos: “Que o diabo a entenda, se puder, eu, que sou menos que ele, não acerto de a entender nunca. Ontem parecia querer

a um, hoje quis ao outro; pouco antes das despedidas, queria a ambos. Encontrei outrora desses sentimentos alternos e simultâneos; eu mesmo fui uma e outra cousa, e sempre me entendi a mim. Mas aquela menina e moça... A condição dos gêmeos explicará esta inclinação dupla; pode ser também que alguma qualidade falte a um que sobre a outro, e vice-versa, e ela, pelo gosto de ambas, não acaba de escolher de vez. É fantástico, sei; menos fantástico é se eles, destinados à inimizade, acharem nesta mesma criatura um campo estreito de ódio, mas isto os explicaria a eles, não a ela... Seja o que for a nossa organização política é útil; a presidência de província, arredando Flora daqui, por algum tempo, tira esta moça da situação em que se acha, como a asna de Buridan. Quando voltar, a água estará bebida e a cevada comida. Um decreto ajudará a natureza”<sup>20</sup>.

Importante é também o episódio da tabuleta da Confeitaria de Custódio que representa, na opinião de Luiz Costa Lima, “o outro papel desempenhado pela reflexão machadiana acerca da função da linguagem na sociedade. Por um lado, essa reflexão se compraz na crítica do retoricismo de seus pares, crítica ao ornamentalismo dos pavões. Por outro lado, ela aponta para detalhe em que se tem insistido menos: quando não é possível o ornamental vazio e retumbante, não mais resta senão a pureza da redundância”<sup>21</sup>. Em todas as situações, no entanto, parece ser unânime a opinião de que se terá jogado “a duplicidade convertida em tema da composição”<sup>22</sup>. A própria forma como os capítulos vão sendo elaborados tem em atenção algumas antíteses que, por si só, já serão duplas. No capítulo VII discute-se a viabilidade de Natividade dar à luz um general ou um casal, para no capítulo VIII se concluir que “nem casal nem general”<sup>23</sup>, Natividade gerara dois meninos e, conseqüentemente, a história seguiria por um caminho novo e diferente. Do capítulo XLVIII podemos extrair um exemplo que se repetirá frequentemente ao longo de toda a obra, ou seja, Machado recorre ao processo, duplo, de “negação e diferenciação”<sup>24</sup>, já que “a negação ou modificação do enredo ou alteração das características dos personagens

<sup>19</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, pp. 1050 e 1051.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 1024.

<sup>21</sup> Luiz Costa Lima, *Dispersa Demanda (Ensaio sobre Literatura e Teoria)*, Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora, 1981, p. 108.

<sup>22</sup> Affonso Romano de Sant’Anna, *op. cit.*, p. 129.

<sup>23</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p. 958.

demonstram sua obsessão pela enunciação, seu prazer pelo bordado da narrativa, sua paixão pelo jogo<sup>25</sup>. Neste caso nega-se o aborrecimento de Flora na ilha, quando o cenário configurado é exactamente o oposto: "Quanto a Flora, ainda verde para os meneios de Terpsícore, era acanhada ou arrepiada, como dizia a mãe. E isto era o menos; o mais era que com pouco se enfadaria, e, se não pudesse vir logo para casa, ficaria adoentada o resto do tempo. Note-se que, estando na ilha, teria o mar em volta, e o mar era um dos seus encantos; mas, se lhe lembrasse o mar, e se consolasse com a esperança de o mirar, advertiria também que a noite escura tolheria a consolação"<sup>26</sup>.

Ou ainda:

"Ao contrário do que ficou dito atrás, Flora não se aborreceu na ilha. Conjeturei mal, emendo-me a tempo. Podia aborrecer-se pelas razões que lá ficam, e ainda outras que poupei ao leitor apressado; mas, em verdade, passou bem a noite. A novidade da festa, a vizinhança do mar, os navios perdidos na sombra, a cidade defronte com os seus lampiões de gás, embaixo e em cima, na praia e nos outeiros, eis aí aspectos novos que a encantaram durante aquelas horas rápidas"<sup>27</sup>.

O capítulo LXXIV retoma o sucedido com Nóbrega no capítulo III a propósito da nota de dois mil-réis que Natividade lhe havia dado como esmola. Essa nota que, no passado, enriquecera a personagem referida e que havia sido atribuída à felicidade resultante de uma aventura amorosa e, posteriormente, à protecção de Santa

Rita de Cássia, não passava, no presente, de uma gorjeta de cocheiro. O tempo havia passado e as próprias perspectivas das personagens também se haviam alterado.

Um dos factores mais inovadores do romance que agora analisamos é, sem dúvida, a capacidade do autor em construir uma poética a partir de uma mesma praxis poética. O narrador vai fazendo fluir, por entre os episódios da história de Pedro e Paulo, comentários e indicações que ajudam o narratário a perceber o modo como se elabora a narrativa, ou seja, esta constrói-se e autojustifica-se. Como nos diz Michel Raimond, "les interventions du Narrateur ont deux fonctions essentielles: une fonction de régie et une fonction de commentaire"<sup>28</sup>. Por esta perspectiva, conseqüentemente, o romance poderá ser encarado enquanto um texto-programa. Atente-se, pois, nos seguintes exemplos: "Não, leitor, não me apanhas em contradição"<sup>29</sup> e "Descansa, amigo, não repito as páginas"<sup>30</sup>.

Segundo Ismael Ângelo Cintra, "o narrador (de *Esau e Jacó*) ora parece identificar-se com o personagem (Aires), ora parece ser apenas a voz de um estranho"<sup>31</sup>. Esta será uma "narração virtual de primeira pessoa"<sup>32</sup>, já que o narrador intromete-se "regularmente no curso da narrativa"<sup>33</sup>. Há, pois, um cruzamento das primeira e terceira pessoas narrativas conjugadas numa "dupla temporalidade"<sup>34</sup>.

Em *Esau e Jacó*, segundo a opinião do mesmo autor, estamos perante uma "narração gêmea"<sup>35</sup>, há "uma duplicidade de vozes originadas de uma mesma fonte, de um mesmo emissor, só que em tempos diferentes"<sup>36</sup>.

<sup>25</sup> Affonso Romano de Sant'Anna, *op. cit.*, p. 129.

<sup>26</sup> *Idem.*, p. 130.

<sup>27</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p. 1007.

<sup>28</sup> *Idem.*, pp. 1008 e 1009.

<sup>29</sup> Michel Raimond, *Le Roman*, Paris, Armand Colin, 1989, p. 116.

<sup>30</sup> Machado de Assis, *op. cit.*, p. 1044.

<sup>31</sup> *Idem.*, p. 1090.

<sup>32</sup> Ismael Ângelo Cintra,

*Retórica da Narrativa em Machado de Assis (Esau e Jacó)*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais, Área de Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1985, p. 53.

<sup>33</sup> *Ibidem.*

<sup>34</sup> *Ibidem.*

<sup>35</sup> *Idem.*, p. 55.

<sup>36</sup> *Idem.*, p. 84.

<sup>37</sup> *Ibidem.*

the first part of the document, the author discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. This is particularly true in the case of small businesses where the owner is often the only person responsible for the books. The author emphasizes that this is not just a matter of good practice, but a legal requirement. Failure to keep proper records can result in penalties and even the loss of the business's tax status.

The second part of the document deals with the various methods of record-keeping. The author compares the traditional method of using ledgers and journals with the more modern methods of using accounting software. While the traditional methods are still used, the author argues that software offers a number of advantages, including the ability to generate reports quickly and accurately, and the ability to track transactions in real-time. The author also discusses the importance of backing up data and the risks of data loss.

In the final part of the document, the author discusses the importance of reviewing the records regularly. This is not just a matter of staying on top of the books, but a matter of identifying potential problems early on. The author notes that many businesses fail because they do not take the time to review their records. By reviewing the records regularly, the owner can identify areas where the business is spending too much money or where there are inefficiencies. This can help the owner make better decisions about how to run the business and how to allocate resources.

The author also discusses the importance of understanding the different types of transactions that can occur in a business. For example, the author explains the difference between a sale of goods and a sale of services, and how these transactions are recorded differently. The author also discusses the importance of understanding the different types of expenses that can be incurred in a business, and how these expenses are recorded. This is particularly important for businesses that have a large number of expenses, as it can help the owner identify areas where there are opportunities for cost savings.

The author also discusses the importance of understanding the different types of revenue that can be earned in a business. For example, the author explains the difference between a sale of goods and a sale of services, and how these transactions are recorded differently. The author also discusses the importance of understanding the different types of revenue that can be earned in a business, and how these revenues are recorded. This is particularly important for businesses that have a large number of revenue streams, as it can help the owner identify areas where there are opportunities for revenue growth.

In conclusion, the author emphasizes that maintaining accurate records is a critical part of running a successful business. It is not just a matter of good practice, but a legal requirement. Failure to keep proper records can result in penalties and even the loss of the business's tax status. By understanding the different types of transactions and expenses that can occur in a business, and by reviewing the records regularly, the owner can make better decisions about how to run the business and how to allocate resources.

the author also discusses the importance of understanding the different types of revenue that can be earned in a business. For example, the author explains the difference between a sale of goods and a sale of services, and how these transactions are recorded differently. The author also discusses the importance of understanding the different types of revenue that can be earned in a business, and how these revenues are recorded. This is particularly important for businesses that have a large number of revenue streams, as it can help the owner identify areas where there are opportunities for revenue growth.